



POESIA E SALA DE AULA: ESTRATÉGIAS DE LEITURA

Jailma da Costa Ferreira; Fernanda Karyne Oliveira; Ana Lúcia Maria de Souza Neves

Universidade Estadual da Paraíba – jailma.jdf@gmail.com;

Universidade Estadual da Paraíba – fernandakoliveira@gmail.com

Universidade Estadual da Paraíba – analiteraturasouza@yahoo.com.br

Resumo: Este trabalho tem como propósito apontar possíveis caminhos para a leitura de poesia em sala de aula, com alunos do ensino fundamental e médio, tendo em vista a experiência vivenciada na oficina *A representação da velhice na literatura de autoria feminina: um recorte autobiográfico em poemas de Adélia Prado e Cora Coralina*, realizada na VII Feira Literária de Boqueirão, na cidade de Boqueirão - PB. Haja vista a experiência vivenciada na oficina supracitada, pretende-se propor uma reflexão acerca da leitura literária na escola, bem como, e mais especificamente, do estudo da poesia em sala de aula, uma vez que estas encontram-se postergadas no âmbito escolar. Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa-ação, de cunho bibliográfico e qualitativo. Corroboram com este trabalho os estudos teóricos de Abreu (2006) e Cosson (2006), entre outros, em relação ao ensino de literatura; Alves (2007) e Araújo (2008) acerca da poesia na sala de aula.

Palavras-chave: Leitura, literatura, poesia.

Introdução

Este trabalho surge a partir das inquietações acerca do ensino de literatura na escola, bem como e, sobretudo, em relação ao ensino de poesia. Acreditamos que um dos principais objetivos da instituição escolar é formar leitores. Contudo, a formação leitora perpassa pela leitura dos diversos gêneros literários, dos diversos temas, bem como das mais variadas formas de ler, seja leitura individual, silenciosa, coletiva, seja através de rodas de leituras, de saraus literários, etc.

A partir destas inquietações surgiu a elaboração da oficina de poesia, a qual foi ofertada na VII Feira Literária de Boqueirão (VII FLIBO), realizada na cidade de Boqueirão/PB. A feira trazia como tema *Resistência e sensibilidade: vozes da literatura feminina*, a proposta do evento contemplou discussões acerca da literatura de autoria feminina, tendo em vista que o espaço destas mulheres fora muitas vezes protelado no âmbito literário, sobretudo naquilo que compreende o cânone.

Sendo assim, pensamos em uma oficina que trouxesse um pouco da vida e da obra de autoras que muitas vezes são esquecidas nas escolas, que não fazem parte do cânone literário, cuja

obra não circula frequentemente no ambiente de sala de aula. Para tanto, elegemos as poetisas Adélia Prado e Cora Coralina, a fim de discutirmos a partir de seus textos poéticos os impasses vividos pelo indivíduo que chega à velhice, sobretudo este sujeito enquanto mulher cuja formação fora forjada pelas ideologias do século XIX, tendo em vista a vida das próprias autoras.

A oficina *A representação da velhice na literatura de autoria feminina: um recorte autobiográfico em poemas de Adélia Prado e Cora Coralina* teve como objetivo, além de proporcionar aos alunos do ensino médio o contato com a leitura de poemas, discutir acerca dos papéis sociais ocupados pela mulher na sociedade, como também correlacionar esses papéis com a vida da mulher idosa que “no tarde da vida recria e poetiza sua própria vida”¹ através da escrita literária, uma vez que esta contribuiu para que muitas mulheres pudessem sair do restrito espaço doméstico e participar da vida pública.

Isto posto, este artigo também tem como objetivo apontar possíveis caminhos para o ensino de poesia em sala de aula, haja vista que a leitura do texto literário ainda é protelada pela escola e de forma ainda mais acentuada quando se trata de poemas. Conforme Miguel Leocádio Araújo:

[...] a leitura de poemas no ambiente escolar parece estar sempre em desvantagem em relação a atividades ligadas aos textos literários em prosa, o que gera impasses no trato com a poesia nas aulas. Não que a leitura de prosa de ficção na escola não seja importante ou seja menos importante que a leitura de poesia. Mas a leitura de poesia é tão importante quanto. (ARAÚJO, 2008, p. 70).

Portanto, o professor não deve eleger um gênero em detrimento ao outro, mas deve oportunizar o contato do aluno com os diversos gêneros literários, contribuindo, assim, para a formação leitora do discente. Contudo, muitos professores hesitam em trabalhar com o texto poético, quase sempre por acharem que é um texto muito rebuscado e de difícil interpretação. Outra razão possível seria o fato da dificuldade na abordagem pelos docentes, que podem se justificar pela falta de metodologias e de mecanismos que despertem nos alunos o prazer pela leitura de poesia.

Metodologia

A perspectiva metodológica que norteia esta produção configura-se como uma pesquisa-ação, a qual foi desenvolvida a partir de uma oficina de leitura, com alunos do ensino médio, realizada em um evento literário, como já pontuado anteriormente. Tendo em vista a experiência

¹ Cora Coralina no poema *Ressalva*.



vivenciada pelos alunos, o despertar pelo gosto literário e, mais especificamente, pelo texto poético, pedimos que relatassem brevemente como foi a experiência em ter participado da Oficina *A representação da velhice na literatura de autoria feminina: um recorte autobiográfico em poemas de Adélia Prado e Cora Coralina*, na VII FLIBO”.

Sendo esta pesquisa também de cunho qualitativo, é também nossa pretensão discutir acerca do ensino de literatura, compreendendo-o sob o viés do letramento literário, conforme Cosson (2006). A partir desta discussão, pretendemos ainda refletir sobre o espaço que o gênero poema tem ocupado em sala de aula, bem como sobre o compromisso que o professor deve assumir para contribuir de fato com a formação leitora de seus alunos.

Resultados e Discussão

1 O ensino de literatura: por um compromisso com a formação de leitores

Muitos estudos têm questionado e direcionado o ensino de literatura na escola, a exemplo de Márcia Abreu, no livro *Cultura Letrada* e Rildo Cosson, em *Letramento Literário*, ambos versam sobre o comprometimento da formação leitora a partir da escolarização da literatura, ou seja, a partir da leitura de textos literários na escola, o professor deve está comprometido em incentivar o gosto pela leitura, formando, desse modo, leitores proficientes.

As aulas de literatura, portanto, não podem estar restritas ao ensino de teoria literária nem tampouco a história da literatura, detendo-se apenas a escolas e períodos literários, e as suas características. Mas, antes, devem estar empenhadas com a formação de sujeitos críticos, indo além, também, da idealização da humanização através da literatura (TODOROV, 2009), não que ela não possa ser, mas é importante enfatizar que ela não se restringe a este último aspecto, pois esta assertiva “não sustenta diante do fato de que há gente muito boa que nunca leu um livro e gente péssima que vive de livro na mão” (ABREU, 2006, p. 83).

Diante disto, pactuamos com o que postula Abreu (2006) e Cosson (2006), o primeiro papel da literatura na escola é formar leitores literários (ou leitores de literatura, a quem preferir!). Para tanto, o professor não deve limitar esta formação partindo apenas dos autores que fazem parte do cânone, deve, pois, levar à escola a literatura de muitos autores que estão fora deste espaço de privilégio, mas que fazem parte do gosto e da vivência de muitos alunos. A escola deve aproximar as obras consagradas das não consagradas; levar em conta a opinião da crítica, mas também considerar o gosto dos alunos.

Desta forma, nas escolas, os livros preferidos pelos alunos podem (e devem) ser lidos e discutidos em classe, levando-se em conta os objetivos com que foram produzidos, os gêneros escritos a que pertencem, seu funcionamento textual. Este livros podem ser comparados com textos eruditos, não para mostrar como os últimos são superiores aos primeiros, mas para entender e analisar como diferentes grupos culturais lidam e lidaram com questões semelhantes ao longo do tempo (ABREU, 2006, p. 111).

Com isso, o professor estará de fato contribuindo para a formação crítica do discente, pois não estará levando o texto que o aluno gosta somente como uma forma lúdica e/ou prazerosa, nem tampouco levando os clássicos em detrimento a literatura de massa, mas sim oportunizando a reflexão acerca de um e de outro, bem como as relações sociais, econômicas e culturais que envolvem toda e qualquer obra literária.

Outra relação importante que o professor deve mediar é a do conteúdo das obras lidas, a exemplo da literatura escrita por mulheres no século XIX e da escrita da mulher na contemporaneidade; a forma como os negros e os pobres foram representados nas obras oitocentistas e como eles mesmos se representam hoje através da literatura; entre outras e tantas possibilidades para o estudo do texto literário na escola. Segundo Cosson (2006, p. 20), “a literatura serve tanto para ensinar a ler e a escrever quanto para formar culturalmente o indivíduo”, tendo em vista a possibilidade de, através da leitura literária, o aluno conhecer identidades, culturas, realidades sociais diferentes das suas, como também identificar-se com aquelas que podem lhe representar enquanto sujeito social.

Esta concepção do ensino de literatura acontece a partir do letramento literário, o qual se configura como uma prática social que deve ser desenvolvida pela escola (COSSON, 2006). É preciso, portanto, que as aulas de português não se limite ao ensino de gramática e produção textual, mas que abra espaço igualmente para a leitura de textos literários, estando comprometida com a formação leitora dos alunos.

Contudo, este espaço de leitura não deve acontecer apenas no sentido de ler para decodificar signos, nem tampouco para usar o texto literário como pretexto para as aulas de língua, mas sim dedicar tempo de qualidade à leitura literária, entendendo-a como o resultado de uma interação entre autor, leitor, texto e sociedade. Dessa forma, não basta apenas ler, é preciso também interpretar, isto é dialogar com o texto tendo como limite o contexto sociocultural do qual o leitor e o texto fazem parte (COSSON, 2006).

Para que isso aconteça é preciso que o professor esteja empenhado em “criar as condições para que o encontro do aluno com a literatura seja uma busca plena de sentido para o texto literário, para o próprio aluno e para a sociedade em que todos estão inseridos” (COSSON, 2006, p.29). Por isso é importante a escolha de textos com os quais os alunos possam se identificar, que tenham relação com a realidade a que pertencem e que possibilitem este diálogo de interação, como já dito anteriormente.

2 O poema vai à sala de aula?

Para que se forme leitores proficientes não basta a leitura de clássicos, não basta levar para a sala aquilo que o aluno gosta de ler, é preciso também proporcionar o contato com os diversos gêneros literários, sejam em versos ou em prosa. Contudo, deparamo-nos aqui com um outro ponto que merece reflexão acerca do ensino de literatura: o espaço negado a leitura de poemas em sala de aula.

Entendemos que este afastamento do texto poético da escola, acontece, sobretudo, porque os professores o entendem como um gênero difícil de ser estudado, de difícil interpretação. Contudo, “ao encarar essa suposta (e tão desencantada) dificuldade de trabalho com a poesia em sala de aula e o conseqüente distanciamento deste tipo de texto, professores e alunos perdem a chance de ter uma experiência de leitura única no processo de formação literária” (ARAÚJO, 2008, p. 71).

Portanto, é imprescindível que o professor abra espaço na sala de aula para a leitura de poemas, mas para que isso aconteça de forma satisfatória é preciso que o professor seja um leitor de poesia, e se ainda não é, é preciso que se torne. Com isso,

[...] o profissional pode não só formar seu repertório poético – aspecto essencial para quem se preocupa com a seleção de textos a serem explorados – mas também combinar a constante ampliação do seu repertório de leituras poéticas com a observação dos gostos temáticos dos alunos, objetivando escolhas mais adequadas ao público com o qual trabalha (ARAÚJO, 2008, p. 73).

Assim sendo, para que se possa formar leitores de textos literários, especialmente, neste caso, de textos poéticos, é preciso planejar o trabalho com a poesia, fazendo com o que o aluno entenda que para além de qualquer especificidade que a poesia possa apresentar, “(...) há sempre comunicação de alguma nova experiência, ou nova compreensão do familiar, ou a expressão de algo que experimentamos e para o que não temos palavras – o que amplia nossa consciência ou apura

nossa sensibilidade” (PINHEIRO, 2007, p.22), lembrando que toda poesia é um ato social, em que comungam o poeta e o povo (op cit, p.24).

Mediante a este planejamento, é preciso fazer com que o estudante se envolva com o objeto estudado, o aluno deve construir e delinear seus próprios horizontes interpretativos, admitindo-se as possibilidades de leituras trilhadas por eles, desde que estas estejam de acordo com as pistas linguísticas e os traçados deixados pelo próprio texto. Dessa maneira, “é papel do professor partir daquilo que o aluno já conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de se proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação dos seus horizontes de leitura” (COSSON, 2006, p.35).

Nesse contexto, de planejamento para o trabalho com a obra poética, devemos buscar “uma prática que define por oferecer textos que possibilitem uma convivência mais sensível com o outro, consigo mesmo, com os fatos do cotidiano, com a vida e com a linguagem” (PINHEIRO, 2007, p.101). Como possíveis abordagens para o trabalho com a poesia, temos a abordagem temática, que nos ajuda a sair dos modelos cronológicos, que privilegiam as escolas literárias, e nos leva a pensar a poesia de forma mais abrangente.

O que deve ser destacado é o fato de escolhermos temas e, conseqüentemente, textos que façam parte da realidade dos alunos, instigando-os a pensar na conjuntura em que estão inseridos, haja vista que o letramento poético, está incrustado no letramento literário, “que trabalha sempre com o atual, seja ele contemporâneo ou não [...] isso gera facilidade e o interesse de leitura dos alunos” (COSSON, 2006, p. 34).

Todas as questões mencionadas acima reiteram a importância do trabalho com a poesia em sala de aula, que não se limita apenas a fruição, mas também não se dissocia. O poema, assim como todo texto literário, deve ter o seu espaço cativo na sala de aula, sobretudo, por sua importância na formação de leitores, haja vista que “a obra de arte é um meio de representação da consciência humana, a poesia é a expressão mais autêntica dessa consciência e uma forma de exteriorização do sujeito” (GUIMARÃES, 2012, p.131).

3 Da teoria à prática: leitura, poema e escola

Tendo em vista que a escola é uma instituição que deve estar comprometida com a formação do sujeito, oferecendo-lhe a oportunidade de ter novas experiências a partir dos mais diversos contextos socioculturais, ofertamos a oficina *A representação da velhice na literatura de autoria feminina: um recorte autobiográfico em poemas de Adélia Prado e Cora Coralina*, a partir da qual tínhamos por objetivos apresentar autoras que estão fora do cânone literário; levar para a escola

textos de autoria feminina; discutir acerca do papel da mulher na sociedade, sobretudo da mulher idosa.

Nossa proposta seria levar o poema *Dolores*, de Adélia Prado e *O chamado das pedras*, de Cora Coralina, a fim de discutirmos os textos de acordo com a temática prevista, como também correlacioná-los à vida das autoras, considerando os aspectos autobiográficos que ambos continham. No entanto, por causa do tempo, não pudemos ler e discutir a poesia de Cora, com isso, tivemos de nos deter apenas ao texto poético de Adélia.

Planejamos a oficina conforme o modelo da sequência básica de Cosson (2006), que compreende a motivação, momento em que os alunos são despertados para a temática e/ou o texto a ser trabalhado; logo após é realizada a leitura, que pode acontecer em dois momentos, primeiro a leitura silenciosa e depois a coletiva; posteriormente há a interpretação do texto junto aos alunos e, por fim, pode ser realizada uma atividade, sendo esta última etapa opcional.

Lembramos que a sequência básica proposta por Cosson(2006) é apenas um caminho possível para o trabalho com o texto literário em sala de aula, não é, pois, um modelo pronto e acabado, portanto, pode (e deve) sofrer reajustes de acordo com a proposta que o professor pretende oferecer, como também com a realidade da qual os textos e os estudantes fazem parte.

No primeiro momento, pedimos aos alunos que se apresentassem, dizendo seus nomes, e perguntamos quais eram as suas expectativas para a oficina, o porquê de terem escolhido se inscrever nela, se conheciam as poetisas, etc. Cada aluno apresentou-se brevemente, respondendo também aos questionamentos. A partir daquilo que foram falando acerca das poetisas, aproveitamos o ensejo para já apresentá-las e as suas obras, de modo geral.

Posteriormente, como motivação, realizamos uma dinâmica de reconhecimento de si mesmo, em que cada aluno olhava para dentro de uma caixa, e era convidado a falar uma frase ou uma palavra sobre o que via dentro da caixa, no caso ele mesmo, já que no seu interior havia um espelho. Vale ressaltar que esta foi a primeira parte da dinâmica, sendo concluída no final da oficina. Retiramos da caixa, sem que os alunos vissem, o espelho e colocamos uma imagem de uma pessoa idosa, motivamos os alunos a olharem para dentro da caixa, imaginando que o tempo tivesse passado para todos e que se perguntassem “quem sou eu agora?!”. Nossa pretensão foi oferecer uma oportunidade de auto reflexão acerca de si mesmo, acerca de seus sonhos e futuro, já que os textos oferecem tais leituras.

Após o primeiro momento da dinâmica, distribuímos o poema *Dolores* entre os alunos e pedimos que realizassem uma leitura silenciosa, depois lemos coletivamente e adentramos ao

terceiro momento da oficina, a interpretação do poema, o qual aconteceu de forma muito satisfatória, pois todos os alunos quiseram falar suas impressões sobre o texto. A partir da fala deles pudemos mediar uma discussão acerca de como vemos os idosos em contraponto com aquilo que eles de fato são; também discutimos sobre o tempo e o que temos realizado no momento presente, bem como o que almejamos para o futuro; falamos sobre sonhos e os possíveis caminhos para realizá-los.

Foi interessante notar o quanto os alunos se viam no poema, apesar de serem jovens, e como traziam experiências de idosos que conheciam. Percebemos com isso que a leitura do texto poético traz ao aluno mais que um conhecimento literário, oferece uma experiência de leitura a ser compartilhada (COSSON, 2006). Isto ficou explícito nos depoimentos², ao serem questionados sobre aquilo que vivenciaram a partir da oficina, como se lê abaixo:

PARTICIPANTE A: Assim que eu adentrei na oficina sobre Adélia Prado eu pude ver o quanto a minha visão sobre o futuro era precipitada. Perdemos tanto tempo em coisas sem importância, que presenciar uma experiência como essa em um ambiente escolar público foi de total significado para minha vida e meu futuro como estudante. Poder analisar a vida de mulheres tão influenciadoras para a construção e realização de poesias foi realmente gratificante e inspirador. Como mulher, poder me identificar com grandes nomes como Adélia e Cora foi inovador e curioso, pois ainda não tinha um grande conhecimento sobre a vida de ambas as figuras femininas. Fico muito feliz em ver como simples e bonitas poesias descrevem vidas reprimidas pelo tempo, o impedimento da sociedade, sem deixar de lado todo um encantamento, e isso foi realmente interessante e uma grande lição para mim. Sendo assim, só tenho a agradecer, foi maravilhoso.

Na fala do participante A, destacamos o quanto ele se vê na temática proposta pela leitura poética, como também seu encantamento em ter contato com a obra e o texto de autoras que, até então, eram desconhecidas para ele. Já o participante B revela um depoimento que infere possíveis estereótipos que ele tinha acerca das aulas de literatura e/ou do estudo da poesia, tendo em vista que estas aulas, muitas vezes, não apresentam ao aluno nenhum sentido para o estudo literário.

PARTICIPANTE B: No começo pensei que ia ser algo que não me interessasse, daí ao longo da conversa entre todos eu vi que não era o que eu imaginava, gostei muito e ajudou eu refletir a si mesmo, muito obrigado! Essa oficina fez eu abrir meu olhos e ver como é a realidade do mundo nos dias de hoje, e que nunca é tarde pra recomeçar, e se tem algo que você quer fazer tanto nunca deixe pra depois, faça o quanto pode, se não vai haver arrependimento.

Contudo, um dos pontos que faz com que o aluno se interesse pela oficina é a discussão proporcionada pelo texto, é ver seus colegas falando de suas próprias experiências, através disso, o

² Os depoimentos foram transcritos tal e qual os alunos responderam.

participante começa a se ver nas discussões, no texto, passa a refletir sobre ele mesmo, sobre a sua história e sente-se motivado a buscar o que sonha, acredita, deseja.

Com isso, percebemos a importância do professor “criar as condições para que o encontro do aluno com a literatura seja uma busca plena de sentido para o texto literário, para o próprio aluno e para a sociedade em que todos estão inseridos” (COSSON, 2006, p. 29). O relato do participante C confirma essa premissa de Cosson (2006), ao fazê-lo refletir sobre a sua existência enquanto sujeito de uma realidade que está em constante desenvolvimento, bem como contribuindo para o valor e a importância da empatia, isto é, a capacidade que o indivíduo tem de se colocar no lugar do outro.

PARTICIPANTE C: Bem, minha experiência foi muito boa, pra começar levantou meu auto-estima, refleti muito, principalmente em você refletir como se você tivesse na velhice, e essa aula ajudou muito a você dar mais valor as velhinhas, no meu caso não foi preciso. Por que já amava demais meus avós, depois dessa aula então. Não só meus avós mas à todos os idosos. Esse foi meu primeiro ano a participar da flibo, e graças a essa aula que participei, gostei demais, vou ficar indo todo ano agora.

Percebemos que a discussão oportunizada pela oficina contribuiu não só para uma auto reflexão, no caso do aluno C, mas também para que fossem repensadas questões de cunho social, como o caso dos idosos, que muitas vezes são maltratados, desconsiderados, desvalorizados e esquecidos. Neste sentido, a literatura também pode ter um papel social, não se limitando apenas a fruição, pois ela “não nasce no vazio, mas no centro de um conjunto de discursos vivos” (TODOROV, 2009, p. 22), e, por que não dizer também, de experiências reais?!

O participante D, assim como os demais, enxerga-se no texto, percebe-se enquanto sujeito protagonista de uma realidade social que o permeia e da qual faz parte, como se vê:

PARTICIPANTE D: Participar dessa feira literária foi, definitivamente, algo muito gratificante, pois através dela eu pude ver que não há uma idade adequada para poder desenvolver algo. Tudo pode-se ser feito quando, na hora e principalmente na idade que se deparar. Basta somente uma coisa, basta só ter em consciência que você quer aquilo, força de vontade é a palavra que se encaixa nessa situação. Convém dizer, que os poemas de Adélia Prado e Cora Coralina, que foram relatados na passada feira literária, são voltados para esse contexto... por trás desses recortes, há uma história de superação, coisas que devem ser tomadas como exemplo. São relatos históricos que por trás de toda essa trama, retrata uma sociedade onde era difícil as mulheres manifestar-se e não serem alvos de nenhuma crítica. Era um mundo onde as mulheres não tinham liberdade de expressão e tudo isso foram coisas que essas autoras tiveram que enfrentar. Contudo, não é só os poemas em si que passam essa motivação, e sim a vida dessas guerreiras, todo o enredo que se desenvolveu antes de toda a glorificação e reconhecimento do mundo. Enfim, é essa lição que se espalha e fica para todos que naquele dia participaram da FLIBO.

Percebemos, a partir deste depoimento, que a literatura é um espaço de muitos, em que podem tanto convergir ou divergir, mas é, sem dúvida, um lugar de encontro entre os diferentes, tal qual afirma Cosson (2006, p. 16-17): “No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos”. A nosso ver, é nesta perspectiva que o ensino-aprendizagem de literatura faz sentido para o aluno, “confirma e nega, propõe e denuncia, apóia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas” (CANDIDO, 2004, p. 175).

Destacamos, por fim, a importância de dar voz ao aluno na sala de aula, pois, muitas vezes, “na escola, não aprendemos acerca do que falam as obras, mas sim do que falam os críticos” (TODOROV, 2009, p. 27), por isso é imprescindível que o leitor tenha espaço para colocar suas próprias percepções acerca do texto literário, bem como sua experiência enquanto leitor. Desse modo, “desaparece a hierarquia rígida sobre a qual se apóia o sistema educativo, o que repercute em uma nova aliança, mais democrática, entre o docente e o discente” (ZILBERMAN, 2009, p. 36).

Conclusão

Percebemos com o desenvolvimento da oficina, *A representação da velhice na literatura de autoria feminina: um recorte autobiográfico em poemas de Adélia Prado e Cora Coralina*, que o ensino de literatura pode e deve ser desenvolvido em uma perspectiva que forme o aluno enquanto sujeito letrado, contribuindo para que este se torne um agente transformador na sociedade da qual faz parte. O ensino de literatura deve, portanto, está comprometido em abrir espaço para que o aluno seja coparticipante nas discussões e atividades, corroborando, assim, para uma aprendizagem mais significativa e eficaz.

Embora a oficina tenha sido desenvolvida em um evento específico de literatura, isso não significa dizer que a proposta não possa ir à sala de aula, muito pelo contrário, ela não só pode, como também deve, uma vez que esta foi fomentada pelo principal objetivo de despertar no aluno o gosto pela leitura literária, mas especificamente pelo texto poético, bem como dar visibilidade à escrita de mulheres poetas, que não fazem parte do cânone e que por isso, e outros tantos motivos, não têm espaço na sala de aula.

Desta forma, consideramos nosso estudo relevante, porque propicia não só a reflexão acerca do ensino de literatura, mas também nos permite refletir sobre os gêneros literários que são, muitas vezes, postergados pela escola, bem como autores e temáticas. Contudo, temos a consciência que



este trabalho é apenas um filete de água na imensidão de um oceano de estudos acerca da abordagem de textos literários no ambiente escolar. Entretanto, reforçamos nossa certeza de termos contribuído, ainda que minimamente, para que o ensino de literatura se efetue como uma prática social e que é de direito de todos, como já atesta Antonio Candido (2004).

Referências Bibliográficas

ABREU, Márcia. **Cultura letrada:** literatura e leitura. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

ARAÚJO, Miguel Leocádio. Dos impasses do encantamento: O texto poético entre a leitura, o ensino e a pesquisa. In: PINHEIRO, Hélder (et al). **Literatura e formação de leitores.** Campina Grande: Bagagem, 2008, p. 69-80.

CÂNDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: _____. **Vários escritos.** São Paulo: Duas cidades, 2004, p.169-191.

COSSON, Rildo. **Letramento literário:** teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.

GUIMARÃES, M.S.B. Leitura de poesia: conhecimento e Fruição. In: SILVA, D.C.S; CAMARGO, G.O. ; GUIMARÃES, M.S.B. (orgs.) **Olhar o poema: teoria e prática do letramento poético.** Goiânia: Cãnone Editorial, 2012.

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula.** Campina Grande: Bagagem, 2007.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo.** Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

ZILBERMAN, Regina. A escola e a leitura de literatura. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania M. K. (Org.). **Escola e leitura:** velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global, 2009, p.17-39.